

**MARIA DUPLESSIS\***

(AL. DUMAS FILHO – 1859)

Fiz promessa, dizendo-te que um dia  
Eu iria pedir-te o meu perdão;  
Era dever ir<sup>1</sup> abraçar primeiro  
A minha doce e última afeição.

5 E quando ia apagar tanta saudade  
Encontrei já fechada a tua porta;  
Soube que uma recente sepultura  
Muda fechava a tua fronte morta.

10 Soube que, após um longo sofrimento,<sup>2</sup>  
Agravara-se a tua enfermidade;  
Viva esperança que eu nutria ainda  
Despedaçou cruel fatalidade.<sup>3</sup>

15 Vi, apertado de fatais lembranças,  
A escada que eu subira<sup>4</sup> tão contente;  
E as paredes, herdeiras do passado,  
Que vêm falar dos mortos ao vivente.

---

\* Este poema ocorre em DRJ (15 abr. 1860, p. 2), em CRIS1864 (p. 97-100), em PC1937 (p. 75-78), em PC1953 (p. 75-78), em OCA1959 (v. III, p. 210-211), em PCEC1976 (p. 199-202), em OCA1994 (v. III, p. 199-200), em CHRYS2000 (p. 74-76), em TPCL (p. 60-62), em PCRR (p. 313-315) e em OCA2015 (v. 3, p. 618-619). Texto-base: CRIS1864. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em DRJ, abaixo do título, vêm estas duas informações, entre parênteses, uma abaixo da outra: (A DAMA DAS CAMÉLIAS) / (*Imitação de Alexandre Dumas Filho*).

<sup>1</sup> Era dever ir] Era dever, ir – em DRJ.

<sup>2</sup> Soube que, após um longo sofrimento,] Soube que após um longo sofrimento – em DRJ.

<sup>3</sup> Despedaçou cruel fatalidade.] Despedaçou – cruel fatalidade! – em DRJ.

<sup>4</sup> subira] subia – em DRJ, em PCEC1976 e em TPCL.

Subi e abri com lágrimas a porta<sup>5</sup>  
Que ambos abrimos a chorar um dia;  
E evoquei o fantasma da ventura  
20 Que outrora um céu de rosas<sup>6</sup> nos abria.

Sentei-me à mesa, onde contigo outrora<sup>7</sup>  
Em noites belas de verão ceava;<sup>8</sup>  
Desses amores plácidos e amenos  
Tudo ao meu triste coração falava.

25 Fui ao teu camarim, e vi-o ainda<sup>9</sup>  
Brilhar com o esplendor das mesmas cores;  
E pousei meu olhar nas porcelanas  
Onde morriam inda algumas flores...<sup>10</sup>

30 Vi aberto o piano em que<sup>11</sup> tocavas;  
Tua morte o deixou mudo e vazio,  
Como deixa o arbusto sem folhagem,<sup>12</sup>  
Passando pelo vale, o ardente estio.<sup>13</sup>

35 Tornei a ver o teu sombrio quarto<sup>14</sup>  
Onde estava a saudade de outros dias...  
Um raio iluminava o leito ao fundo<sup>15</sup>  
Onde, rosa de amor, já não dormias.

40 As cortinas abri que te amparavam<sup>16</sup>  
Da luz mortiça da manhã, querida,<sup>17</sup>  
Para que um raio depusesse um toque  
De prazer em tua frente adormecida.<sup>18</sup>

<sup>5</sup> Subi e abri com lágrimas a porta] Subi, e abri com lágrima a porta, – em DRJ.

<sup>6</sup> rosas] rosa – em DRJ.

<sup>7</sup> Sentei-me à mesa, onde contigo outrora] Sentei-me à mesa onde contigo outrora. – em DRJ; Sentei-me à mesa, onde contigo outrora, – em PCEC1976, em CHRYS2000 e em TPCL.

<sup>8</sup> Em noites bela de verão ceava;] Em noites belas de verão – ceava. – em DRJ.

<sup>9</sup> Fui ao teu camarim, e vi-o ainda] Fui ao teu camarim e vi-o ainda – em DRJ.

<sup>10</sup> Onde morriam inda alguma flores...] Onde morriam inda algumas flores. – em DRJ.

<sup>11</sup> em que] onde – em DRJ.

<sup>12</sup> folhagem,] folhagem – em DRJ.

<sup>13</sup> Passando pelo vale, o ardente estio.] Passando o vale – vaporoso estio! – em DRJ.

<sup>14</sup> o teu sombrio quarto] teu sombrio quarto – em PCRR.

<sup>15</sup> Um raio iluminava o leito ao fundo] Um raio iluminava o leito à sombra – em DRJ. A correção implicou expressiva melhora, pois eliminou a contradição do leito à sombra estar iluminado.

<sup>16</sup> As cortinas abri que te amparavam] As cortinas abri – que te guardavam – em DRJ.

<sup>17</sup> manhã, querida,] manhã querida, – em TPCL.

<sup>18</sup> De prazer em tua frente adormecida.] De prazer – nessa frente adormecida. – em DRJ. Verso de onze sílabas, que, para ser um decassílabo heroico (padrão empregado pelo poeta, ao lado do sáfico), exige a ditongação de “tua”, ou seja, que se pronuncie “tuá”.

Era ali que, depois da meia-noite,  
Tanto amor nós sonhávamos outrora;  
E onde até o raiar da madrugada  
Ouvíamos bater – hora por hora!<sup>19</sup>

45 Então olhavas tu a chama ativa  
Correr ali no lar, como a serpente;  
É que o sono fugia de teus olhos  
Onde já te queimava a febre ardente.

50 Lembras-te agora, nesse mundo novo,  
Dos gozos desta vida em que passaste?<sup>20</sup>  
Ouves passar, no túmulo em que dormes,  
A turba dos festins que acompanhaste?

A insônia, como um verme em flor que murcha,<sup>21</sup>  
De contínuo essas faces desbotava;  
55 E pronta para amores e banquetes  
Conviva e cortesã te preparava.<sup>22</sup>

Hoje, Maria, entre virentes flores,<sup>23</sup>  
Dormes em doce e plácido abandono;<sup>24</sup>  
A tua alma acordou mais bela e pura,<sup>25</sup>  
60 E Deus pagou-te o retardado sono.<sup>26</sup>

Pobre mulher! em tua última hora<sup>27</sup>  
Só um homem tiveste à cabeceira;  
E apenas dous amigos dos de outrora  
Foram levar-te à cama derradeira.

---

<sup>19</sup> Ouvíamos bater – hora por hora!] Ouvíamos bater hora por hora! – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

<sup>20</sup> Dos gozos desta vida em que passaste?] Dos gozos desta vida, em que passaste? – em TPCL.

<sup>21</sup> murcha,] murcha; – em DRJ.

<sup>22</sup> preparava.] preparava! – em DRJ.

<sup>23</sup> flores,] flores – em DRJ.

<sup>24</sup> Dormes em doce e plácido abandono;] Dormes – em doce e plácido abandono: – em DRJ.

<sup>25</sup> pura,] pura – em DRJ.

<sup>26</sup> sono.] sono! – em DRJ.

<sup>27</sup> Este verso tem justaposição de sílabas tônicas; são acentuadas a sexta e a sétima. Deve prevalecer o acento na sexta, com diástole na palavra subsequente. Essa evidência contrária, como ocorre no verso n. 7 do poema “Lúcia”, o princípio enunciado por Said Ali, em sua *Versificação portuguesa* (1948): “Quando [...] colidem duas sílabas fortes de vocábulos diferentes, sem pausa separativa, atenua-se a intensidade da primeira, que terá valor de sílaba fraca.” (ALI, 1948, p. 13)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CHRYIS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.  
CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.  
DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

- ALI, M. Said. *Versificação portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- ASSIS, Machado de. Maria Duplessis (A dama das camélias). *Diário do Rio de Janeiro*, ano XL, n. 21, p. 2, 15 abr. 1860.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Chrysalidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.